

ENSAIOS LITTERARIOS

DO

ATHENEU PAULISTANO.



Sessão Magna de 7 de Setembro.

A sessão magna de 7 de Setembro de 1857 foi celebrada com o esplendor digno de um dia, que marca a mais brilhante era da historia de um povo heroico, e traz á mente dos verdadeiros filhos do Brasil as gratas reminiscencias de um passado glorioso.

Mas em quanto mil gritos de alegria saúdam o sol fulgurante do Ypiranga, quando se exalta a memória veneranda dos anciãos da patria, o despreso e o escarneo acolhem os feitos illustres de um Principe magnanimo e cavalheiresco, autor de nossa Independencia, e mui raros são aquelles, que vem depôr uma lagrima de saudade sobre a campa do immortal Fundador do Imperio!

A solemnidade foi abrilhantada com a presença de grande numero das mais distinctas pessoas desta capital, e do gremio desse sexo, que recebeu em partilha as graças e a amabilidade, muitas não desdenharão assistir á nossa festividade litteraria. O Atheneu agradecido lhes dirige por meio do seu Jornal um protesto de eterno reconhecimento.

Conforme o costume, apóz o discurso do Illustre Presidente da Associação o Snr. Bacharel Castro Silva, seguirão-se os vivas á Independencia e á Constituição Politica do Imperio, á S. M. O Imperador, &c. &c., entusiasticamente correspondidos por todas as pessoas presentes.

Os Oradores do Ensaio Philosophico e Ensaio Juridico, os Snrs. Nascimento Galvão e Gomes de Menezes se mostrarão, como de ordinario, acima de qualquer elogio; seus discursos, á par dos ornatos do estylo, e da bellesa dos pensamentos, transpiravão o mais ardente patriotismo. Desta vez tambem um vate egregio vibrou as cordas harmoniosas de sua lyra de ouro, cantando as glorias da patria; foi o Illm. Snr. Dr. Costa Carvalho, que o Atheneu se orgulha de contar entre seus socios honorarios. Alem do Orador do Atheneu, o Snr. Couto de Magalhães, obtiverão a palavra varios membros da mesma Associação, os Snrs: Marcondes de Andrade, Duque Estrada Teixeira, Tavares Bastos, Pereira da Rosa, Pereira Tavares, Siqueira Bueno, e Silva Pereira.

M. V. Tosta.

**Discurso recitado no dia 7 de Setembro pelo
Orador do—Atheneu Paulistano—o Sr.
José Vieira Couto de Magalhães.**

Todos nós livres nascemos,
Liberdade só queremos,
Que a liberdade é do céu;
Nosso porvir, nossa vida
Será a aurora querida,
Estrella que luz sem véo.

(B. SAMPAIO—NO YPIRANGA.)

SENHORES.

O—Atheneu Paulistano—vem com sua mocidade cheia de viço saudar o 7 de Setembro. E como deixar volver no esquecimento o dia da patria? Como não permittir que corra pelos nossos labios essa alegria que nos tumultúa no peito ao ver surdir o astro de liberdade, augusta recordação de um passado de heróes, sancta inspiração para um futuro de glorias?

Salve pois 7 de Setembro! enfeiche de nossas passadas grandezas—salve, tres vezes salve! A sciencia, posto que representada por moços que buscão-na vem para saudar-te.

Isto é, além de um facto, um symbolo representador do seculo XIX. A liberdade hoje não é mais o desenfreamento e a licença; não: é a razão dominando as paixões, o pensamento a acção, o espirito a materia; é a sciencia emfim desassombrada das cruces, cicutas, fogueiras e carceres, com que procurão suffocal-a; é a sciencia, dizemos, estendendo suas azas sobre a humanidade, e por toda parte fazendo nascer o justo á despeito dos despotas e dos demagogos. A' ella pois, mais do que á ninguem, compete o ultimo amplexo á este dia. Salve pois 7 de Setembro! Os filhos da sciencia de novo te saudão.

Agora duas palavras á vós meus collegas: estas glorias, que nós tão enthusiasmicamente saudamos, não pertencem aos moços; não estamos no direito de ir repousar á sombra desses louros—seria ir turbar o silencio de nossos pais e avós, que lá repousão: para os jovens o passado é apenas um exemplo para o futuro—somos ainda na manhã da vida, nosso sol á pouco se ergueu, e não é licito repousar senão á quem já trabalhou. Que não sejam pois simples saudações o nosso obrar de hoje—seja tambem um protesto para a aquisição da verdadeira gloria; gloria.... e haverá ahi um só cujo coração ao menos uma vez na vida não tenha por ella palpitado?... Não o creio, meus collegas. Este anhelar afanoso de nossa natureza contingente para a immortalidade existe em todos os corações. Chamem-na muito embora illusão e vaidade—o que é certo é que ella tem sido a mãe de todos os grandes feitos. Vós conheceis a historia. Seja ella tambem

a inspiração dos filhos do Brasil, deste tão vasto Brasil, á quem a natureza tanto deu, mas que parece ter esquecido de dar bons filhos.

Mas, meus collegas, assim como debaixo da rosa que perfuma, se esconde o espinho que fere, assim tambem debaixo da verdadeira gloria existe muitas vezes a ambição e o calculo. Convem distinguil-os: entre Washington e Mazarino existe um abysmo—o primeiro é um dos mais altos pontos da virtude, o segundo o mais immundo jazer do vicio.

Não sejam pois nossas aspirações nem o poder para esmagar, nem as cavillações e enredos para adquirir aura. Sim, que para colher as perolas que brilhão no futuro não é mister que nos encharquemos na lama. Temos um campo muito mais brilhante; tornar solida nossa constituição, desassombrar o caminho, que deve seguir o espirito do verdadeiro progresso; temos que abolir ou ao menos mitigar a sorte da escravidão, tornando homens á esses pobres seres, á quem roubando tudo, tiramos até a consciencia dos males que soffrem; temos que crear uma nacionalidade moral, que ainda não existe, para que o inglez egoista não nos venha insultar em nossos portos; finalmente que destes sertões bravios, destas immensas florestas ergão-se cidades aos centos—que estes rios caudalosos se transmudem em formosos canaes; que a industria e as artes derramem por toda a parte a abundancia e a felicidade. Eis nossa missão: eis tambem as promessas, que de conjuncto com as saudações, devemos fazer ao 7 de Setembro.

Acceita-as, ó dia grandioso! Não são por certo as mais brilhantes que surdem hoje de todos os angulos do imperio para dirigir-te, quiçá porem as mais extremes de hypocrisia e vicio. Sim; porque estes que ahi vês saudando-te são moços; espiritos crentes, por elles não errão idéas de torpe calculo—corações virgens—só tem pulsado pela sciencia e pela patria e tú que és o seu palladio aceita estas saudações, e promessas da mocidade de S. Paulo—leva-as com teu sol que descamba—e se algum dia, ó astro bemfeitor, estes moços que aqui vês reunidos, esparsos então pelo Brasil lembrarem-se de prostituir sua intelligencia em calculos de ambição—ergue-te, ó sol refulgente—mostra-lhes as saudações, e promessas entusiasticas com que te saudarão hoje e com tua luz de esperanças indica a esses transviados o caminho da verdadeira gloria: *a virtude e o amor da patria !.....*

O Conselheiro Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva. (*)

« Eu passarei á posteridade como
« o vingador da dignidade do Brasil.
(DISCURSO DE ANTONIO CARLOS NA
CONSTITUINTE; SESSÃO DE 10 DE NO-
VEMBRO DE 1823.)

No meio das grandes peripecias do drama social; nas oscillações tempestuosas, que sohem sempre acompanhar a infancia das nações, que se constituem, a Providencia não abandona a humanidade. Quando os destinos da sociedade, agitados pela lucta das paixões, vacillão incertos á perderem-se nos abysmos da dissolução, ella envia á terra esses Apostolos predestinados, á quem entrega o verbo de uma nacionalidade nascente, e confia a missão de dirigir as gerações, que timidamente tacteão o caminho apenas encetado da existencia. Sua passagem na terra é como um clarão luminoso atravez dos acontecimentos, que os circundão. Engrandecidos pela consciencia de sua elevada missão elles atravessão com serenidade impassivel o tumultuar das paixões, que ao redor d'elles se desencadeão, e realisão seu destino com a omnipotencia das grandes convicções. Em suas fronteiras, unidas pela gloria, está estampado o sello da grandeza. Seus passos são marcados com os beneficios, que derramão, com o heroismo, que os engrandece.

O infortunio e o soffrimento conferem-lhes ás vezes a corôa do martirio; e a gratidão dos povos colloca seus vultos venerandos no templo da Patria, allumiados pelo irradiar de uma gloria infinda.

Tal foi Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva. Patriotismo ardente, provado nas luctas do despotismo; caracter romano, temperado nas provações do infortunio; coragem civica levada até o heroismo; consciencia nobre e orgulhosa de seu merecimento; alma volcanica, exaltada pela perspectiva da gloria; tudo concorreu para tornar Antonio Carlos o homem do povo, o tribuno gigante de nossas liberdades. Sua imaginação rica e fecunda, sua variada e brilhante erudição, a energica vivacidade de sua expressão, seu mesmo busto magestosamente talhado,—allumiado pelo raio de um pensamento viril, tudo assegurou á sua palavra essa omnipotencia grandiosa, que força as convicções, e arrastra os espiritos. Os

(*) Veja-se a necrologia do Conselheiro Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, no *Anuario Politico, Historico e Estatistico do Brasil*, 1.º anno—1846, pag. 469; Elogio Historico geral dos Membros fallecidos do Instituto, na sessão anniversaria de 9 de Setembro de 1847,—*Revista Trimestral*, tomo 11 (4.º da 2.ª serie) pag. 153 á 161; e seo Elogio Biographico pelo Dr. Antonio Pereira Pinto, na *Revista Trimestral do Instituto*, tomo 11, pag. 206.

talentos da eloquencia brilhavão-lhe na fronte sulcada pelo infortunio e cada debate era um trophéo, cada discurso um louro, que ajuntava á sua corôa de orador. Sua palavra autorisada dominava as discussões, e intervinha para decidir o pleito, como o raio rebenta entre trevas para desfazer a tempestade, e serenar o horisonte. Quando occupava a tribuna, suas palavras, encendidas pelo enthusiasmo, reben-tavão em borbotões, e vasavão-se nos moldes de uma eloquencia, animada no fogo sagrado do patriotismo. Dir-se-hia, que ellas levavão comsigo a scentelha, que lhe ardia no cerebro.

Foi o vulto gigante das côrtes de Lisboa, o orador mais proeminente da constituinte; e em nossa galeria parlamentar ninguem lhe disputa a primazia. Seu nome é um monumento nos fastos da Patria: e pois revindical-o do olvido é restayrar um monumento de glorias, esquecido pela ingratição dos contemporaneos.

Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva nasceu na, então, Villa de Santos no dia 1.º de Novembro de 1773; forão seus pais o Coronel Bonifacio José de Andrada, e sua mulher D. Maria Barbara da Silva.

Feitos seus primeiros estudos em sua terra natal, foi sua educação litteraria confiada aos cuidados do virtuoso Bispo D. Fr. Manoel da Ressureição, o mesmo que abrija á José Bonifacio os thesouros da intelligencia. Munido d'esses principios, que fazião-lhe já antever os segredos da sciencia, seguiu para Coimbra, o theatro dos talentos brasileiros n'aquelle tempo, e ali obteve com assignalado aproveitamento o gráo de Bacharel em Direito. Sua intelligencia, desabrochada sob o sol dos tropicos, robusteceu-se com os variados estudos da historia e da litteratura, e adquirio esse brilhante cabedal de erudição, que era como o preludio do grandioso futuro, que o aguardava.

Concluidos seus estudos, começou seu tirocinio na carreira publica; depois de haver servido o lugar de Juiz de Fôra em Santos, foi promovido á Ouvidor e Corregedor da Comarca de Olinda, sendo logo depois elevado á cathegoria de Dezembargador da Relação da Bahia.

Seu destino porem estava escripto nas paginas do porvir; não o talhára a Providencia para seguir placido e sereno a vida impassivel do Juiz; fadára-o para ser o heróe de uma nacionalidade. Sua existencia devia reflectir as oscillações, que caracterisão as grandes épocas, e soffrer as duras provações, que engrandecem os filhos da liberdade.

Em 1817 Pernambuco cansado sob o peso de um absolutismo sem grandeza, recordou as tradições de sua historia, e levantou um grito prematuro em prol da independencia da terra de Santa Cruz. Antonio Carlos não trocou a toga do juiz pela opa do tribuno. Sua intelligencia e seu coração negavão-se á um movimento generoso embora, mas que o lugubre exemplo de um passado ainda recente augurava, que havia de ser esmagado sob a acha implacavel do poder,

e que o sangue de novas victimas viria ajuntar-se ao cruento supplicio de Tira-dentes. (1)

Sua fidelidade entretanto foi posta em duvida por um poder suspeito, e das mãos do algoz só o salvou o seu destino providencial.

Atirado em lobrego segredo no calabouço das Cinco Pontas, quando, certo de sua innocencia, fôra voluntariamente apresentar-se ao Governo interino da Capitania, Antonio Carlos estava votado á mesma sorte, que pesou sobre o Padre Roma e tantas victimas infelizes, que cahirão sob o gladio do absolutismo.

O soffrimento exalta e depura as grandes almas; os caracteres superiores contão seus triumphos pelos dias de tribulação. Longe de recuar expavorido diante do cadafalso, seu espirito antolhou a palma sublime do martirio; e a resignação e a coragem civica converterão-lhe a agonia do suppliciado em um cantico de inspiração activa:

« Sagrada emanção da liberdade,

« Aqui do cadafalso eu te saúdo!

.....

.....

« Livre nasci, vivi, e livre espero

« Encerrar-me na fria sepultura

« Onde imperio não tem mando severo!

« Nem da morte a medonha catadura

« Incutir póde horror n'um peito féro,

« Que aos fracos tão somente a morte é dura. ! (2)

O solo do Brasil não manchou-se com esse crime: o patriota resignado, que vira despontar-lhe o sol da gloria detraz do cadafalso, teve sua cabeça salva; sua missão não estava ainda cumprida. Sua dedicação pela causa da liberdade ia soffrer a prova do soffrimento para mais acrisolar-se. Transportado aos carceres da Bahia, mais de quatro annos gemeu nas torturas da prisão.

Os seres predestinados porem imprimem o sello de sua grandeza em todas as situações de sua vida. A masmorra, o lugar do crime e do vicio, converteu-se para Antonio Carlos em theatro de brilhantes virtudes. Sua intelligencia, comprimida pela mão de ferro do poder, não apagou-se nas trevas que o cercavão: foi um raio luminoso levado ao canto escuro da prisão. Seus companheiros de infortunio, elle

(1) Antonio Carlos foi nomeado Conselheiro do Governo Provisorio, filho da revolução, mas não aquiesceu á esta, como o mostrou em sua defeza por occasião do processo, que lhe instaurarão; o mesmo asseverou no discurso proferido na sessão da Camara Temporaria de 10 de Julho de 1840, por occasião da maioridade.

(2) Este Soneto foi publicado no n. 488 do *Ypiranga* de 7 de Setembro de 1854.

os enriqueceu com os thesouros da sciencia, e derramou sobre elles a resignação de sua alma impassivel. (3)

Quanta grandeza encerrada no ambito estreito de uma masmorra ! quanta elevação no soffrimento ! Quanta sublimidade no martyrio !

O orgulho nacional deve despertar-se ao influxo benefico d'esses grandes exemplos de nossa historia, que energicamente proclamão a magnanimidade do character Brasileiro. Mais de uma epopea de heroico soffrer tem no Brasil illustrado as profundezas tenebrosas da prisão. Claudio Manoel da Costa, esse genio desditoso, cuja alma exhalava-se em hymnos de suave melancolia, entoôu entre grilhões o canto da agonia, e resignado poz termo á sua existencia, por ver apagar-se a luz, que a alumia— a liberdade. Gonzaga, o cantor melodioso, que sonhára um paraíso nos braços de sua querida Marilia, que enlaçava as inspirações do poeta com a causa de seu paiz, foi, coitado ! gemer suas poesias plangentes estreitado entre quatro paredes ennegrecidas, no meio de gemidos de proscriptos ! Antonio Carlos, privado da liberdade, vigiado por bayonetas, assumio o sacerdocio augusto da palavra, purificou o crime, e sagrou ao serviço da Patria seus dias amargurados, quando ella lhe imprimia na fronte o ferrete da ignominia !

Sua grandeza d'alma pareceu sublimar-se no infortunio. Ao Rei, que acenava-lhe com a liberdade, se pedisse perdão, respondeu com a dignidade da innocencia : « *que perdão só á Deos de seus peccados, e ao Rei só pedia justiça.* » Essas palavras notaveis sellão a nobreza de seu character.

Suas virtudes devião ter uma recompensa : não podia terminar seus dias em uma masmorra aquelle, que estava destinado á inscrever seu nome no grandioso monumento da criação de um Imperio. Antonio Carlos adormeceu um dia nos latibulos do calabouço, e no dia seguinte vio saudal-o o sol da liberdade, e apontar-lhe para as Côrtes Portuguezas, como para o theatro de suas glorias. Sua estrella, obumbrada na America, rutilára refulgente em Portugal.

Reconhecido innocente, e proclamado o systema constitucional pela revolução do Porto, foi o illustre Paulista deputado por sua Provincia ás Côrtes de Lisboa. Do antro escuro da prisão o destino fêl-o passar para o sanctuario augusto do legislador. Ahi sua voz desprende-se magestosa como a do filho da liberdade, e fez ouvir sua palavra eloquente em defeza de uma causa proscripta, emquanto não lhe chegava o dia de crear uma Patria para sagrar-lhe o culto de sua intelligencia, as pulsações valentes de seu coração.

A grande epopea da Independencia começava á desenrolar seus largos episodios. Arrastado pela cegueira do interesse, Portugal ten-

(3) Consignando este facto em seu eloquente discurso dos socios fallecidos do Instituto, diz o Snr. Porto-Alegre : « Este facto é tão sublime, tem rasgos tão gigantescos, eleva tão alto o character Brasileiro, que occupará sem duvida a musa dos futuros engenhos, e os pinceis dos nossos vindouros artistas. » (Revista do Inst., tomo 11, pag. 156.)

tava escravisar o Brasil, como outr'ora Xerxes lançar cadeias ao mar. O genio da liberdade Americana, encadeado trez seculos pelo absolutismo, sacudio seus pesados grilhões, e arrojou-os quebrados aos pés de seu injusto dominador. A metropole estremeceu de colera; o Congresso Portuguez trovejou ameaças contra o Brasil. Era uma lueta de morte.

Antonio Carlos ergueu-se como um gigante, e oppoz o poder de sua palavra fulminadôra á arrogante prepotencia dos deputados portuguezes. Baldado exforço! Força nenhuma humana pode desviar os olhos ao fanatismo politico, e conter-lhe os desvios: a luz da razão lhe é desconhecida.

Vendo os primeiros arrebóes da liberdade dourarem as plagas de sua querida patria, deixou um paiz surdo á voz da prudencia, um paiz, em que seu patriotismo esgotava-se em baldadas, postoque generosas, tentativas para abater o poder da força, e o despotismo do numero. Negou sancionar com sua approvação essa Constituição das Côrtes, que fazia desaparecer nossa nacionalidade, declarando a destituição do Rei, se viesse para o Brasil; em Outubro de 1822 a Inglaterra, o asylo classico dos foragidos filhos da liberdade, recebia em seu seio o illustre Brasileiro, acompanhado de seis dignos deputados, cujos peitos pulsavão com igual ardencia pelo engrandecimento de sua Patria.

No Brasil já o systema constitucional começava á fructificar; estava convocada a Assembléa Constituinte, encarregada de organizar o novo Imperio. Ainda em Inglaterra foi Antonio Carlos á ella deputado pelos suffragios de sua Provincia, e chegando á sua Patria, foi tomar assento no seio da Representação Nacional. Novo theatro desdobrou-se para o portentoso orador das Côrtes de Lisboa.

Quando o paiz, longo tempo adormecido sob o jugo de um captivo inglorio, despertou-se aos doces accents da liberdade, o seu vulto grandioso desenhou-se com magestade no horisonte da Patria.

Antonio Carlos foi na Constituinte a encarnação viva da reacção nacional, que se erguia energica contra o passado para abater o absolutismo. Dir-se-hia o genio altaneiro da liberdade, que quebra as cadeias em civico denodo, e recupera seus direitos postergados. Sua palavra traduzia as arrojadas inspirações de um patriotismo ardente: parece que o sol dos tropicos depositára em sua alma o raio vivificante de sua luz animadôra.

Sua imaginação brilhante e fecunda communicava á seus discursos uma energia e vehemencia do mais bello effeito. Fallando do barbaro alvará de 30 de Março de 1818, a indignação do patriotismo arrancou-lhe essas energicas palavras: « *Steterunt comæ, et vox faucibus hæsit.* » Pareceu-me vêr n'elle os ultimos arrancos do assustado despotismo, que certo de largar para sempre o ensanguentado assento, que para desgraça do Brasil tanto tempo occupára, queria ao menos na sua queda rodear-se de victimas e de sangue! (4)

(4) Sessão de 17 de Maio de 1823, Diario da Constituinte n. 10.

Ao lado d'esse poder da palavra, d'essa eloquencia superior, que constituia sua preeminencia, brilhava o talento do publicista, robustecido por um estudo profundo e severo. Encarregado pela Assembléa da honrosa tarefa de elaborar com outros dignos deputados o projecto de Constituição, que devia reger o Imperio, redigio esse trabalho luminoso, que será sempre um padrão de gloria para seu nome, e um monumento imperecedouro de suas crenças liberaes.

Uma aureola de brilhantes glorias veio cingir a fronte do patriota, que sagrava o culto de seu coração, os recursos de sua intelligencia ao engrandecimento de sua patria. Feliz quadra essa, em que a crença vigorosa da primeira idade, a esperanza da mocidade—virgem do descer da velhice, alentadas pelas illusões da liberdade, operava a grande obra da regeneração politica do Brasileiro no meio dos applausos jubilosos de uma nacionalidade nascente !

A primeira phase da Constituinte porem, limpida e risonha, ia desapparecer, apagada nas trevas de um futuro assustador. A queda dos Andradas produzira no paiz esse fatal estremecimento, que abalára profundamente o systema constitucional, vacillante ainda. O Ministerio de hontem tornára-se a opposição de hoje. Antonio Carlos arrastrado por seu genio fogoso, pela ardencia de seu patriotismo, fulminou na imprensa e na tribuna a marcha de um poder, que desenhava em seus actos uma reacção ao principio da revolução da Independencia.

No meio d'esse exaltamento politico, um facto acompanhado dos mais tristes episodios veio despertar-lhe o espirito, e avivar-lhe as apprehensões do patriotismo. Um Brasileiro foi por motivos politicos aggredido e gravemente ferido por dous officiaes Portuguezes. O facto revestio, pelas circumstancias do tempo, o character de uma offensa feita á nacionalidade. Foi uma scentelha atirada ao tumultuar ardente da alma apaixonada de Antonio Carlos. Seu coração revoltou-se, e do alto da tribuna lançou ao paiz essas palavras de indignação, que parecião queimar-lhe os labios quando as proferia :

« Como, Snr. Presidente, lê-se um ultrage feito ao nome Brasileiro, e nenhum signal de marcada desapprovação apparece no seio do ajuntamento dos Representantes Nacionaes ?
 Morno silencio da morte, filho da coacção, pêa as linguas; ou o sorriso, ainda mais criminoso, da indifferença salpica os semblantes. Justo Ceo ! e somos nós Representantes ? Não ! não somos nadá, se estupidos vemos, sem os remediar, os ultrages, que fazem ao nobre povo do Brasil estrangeiros, que adoptamos nacionaes, e que assalariamos para nos cobrirem de baldões
 Os cabellos se me irrição, o sangue ferve-me em borbotões á vista do infando attentado, e quasi maquinalmente grito—vingança ! Se não podemos salvar a honra Brasileira, se é a incapacidade e não traição do Governo, quem aco-

roçoa os scelerados assassinos, digamos ao illudido povo, que em nós se fia: « *Brasileiros!* nós não vos podemos assegurar a honra e vida; tomáẽ vós mesmos a deffesa da vossa honra e direitos offendidos! — Mas será isto proprio de homens, que estão em a nossa situação? Não.... ao menos eu trabalharei, emquanto tiver vida, por corresponder á confiança, que em mim poz o brioso povo Brasileiro. Poderei ser assassinado: não é novo que os deffensores do povo sejam victimas do seu patriotismo; mas meu sangue gritará vingança! e eu passarei á posteridade como o vingador da dignidade do Brasil. (5).....

O poder estremeceu ante essa indignação omnipotente do patriotismo, e jurou suffocar nos antros da masmorra essa voz poderosa, cujos échos repetião sua condemnação. Assestou-se a força armada para dispersar os Representantes do povo: na hora suprema da agonia, quando a acha do poder pendia sobre a Assembléa, essa gloriosa Constituinte, que proclamava como um dever do cidadão o morrer pela Patria (6), accitou resignada o sacrificio, e allumiou seus ultimos dias ao clarão de uma gloria immorredoura! E nós, em criminosa ingratição, esquecemos esses episodios grandiosos de nossa historia, essa epopea de civismo romano, e só temos para o passado um estúpido riso de desdem!

Antonio Carlos foi um d'aquelles á quem o poder conferio a corôa do martyrio.

Preso ao sahir da Assembléa foi arrastado aos carceres, e d'ahi atirado violentamente nas plagas do estrangeiro.

Uma sina mysteriosa, uma sorte impiedosa parece perseguir na terra os filhos da liberdade. O sello do infortunio foi-lhes impresso na fronte no dia de seu nascer. A grandeza está sempre enlaçada com o martyrio: o symbolo do heroismo é sempre uma corôa de espinhos. Cormenin teve um pressentimento profundo da mysteriosa afinidade que liga a virtude e o soffrimento, quando alinhando o busto monumental de Dupont de l'Eure, e descrevendo-lhe o caracter venerando disse, que « *á sua virtude, para ter um que de perfeito e de completo, faltava apenas um pouco de proscricção, que entretanto não lhe desejava.* (7)

Mais de quatro annos gemeu o illustre proscripto em França, lamentando nas dôres do exilio os males que ameaçavão sua querida Patria.

Em 1828 foi-lhe dado voltar ao Brasil, não como o homem restituído á liberdade para saudal-a em jubiloso entusiasmo, mas para entrar no escuro segredo de uma prisão sob o pezo de um processo, que procurava imprimir o ferrete do crime na fronte laureada com as glorias da Independencia. Proclamado innocente pela Relação da Côrte

(5) Sessão de 10 de Novembro de 1823.

(6) O Projecto de Constituição da Constituinte—declarava o cidadão Brasileiro obrigado á morrer pela Patria, sendo preciso.

(7) Timon, Livre des Orateurs, 2 tom., Laffitte.

ã 6 de Setembro de 1828, volveu á sua terra natal, a Villa de Santos, para ahí repousar em quieto abrigo das vicissitudes de uma vida tempestuosa, amargurada pela ingratição de seus concidadãos.

E sua Patria não soube acolher o filho perseguido, que corrêra a buscar um asylo em seu seio. A Provincia da Bahia pagára a José Bonifacio o tributo da gratidão nacional, e o Ministro da Independencia apparecêra, como uma gloria do passado, na Legislatura de 1830. Minas déra a Martim Francisco uma voz no Parlamento, e o Congresso dos Legisladores retumbou com os échos de sua palavra magestosa. Antonio Carlos, o heróe propugnador dos direitos do Brasil, que affrontára as iras da Metropole para nos dar uma patria, o portentoso orador da Constituinte, teve em recompensa de seus serviços o esquecimento, e a ingratição. Mesmo no retiro os destinos de seu paiz occupavão a mente do patriota, proscripto na obscuridade. Seu patriotismo, mais de uma vez provado em crizes difficeis, não podia testemunhar com impassibilidade o funebre espectáculo que ante seus olhos se desenvolvia. Essa Patria, que se erguêra ao som de sua palavra poderosa, que lhe custára as dôres do exilio, elle a via abysmada em um pelago insondavel de desgraças. O 1.º Imperador abdicára, e o novo Imperio, apenas sahido do berço, antolhava com dôr os males synistros de uma longa minoridade.

O espirito nacional abalado pela repercussão do sete de Abril, abandonado á si mesmo, reflectia a divisão, que produzira nos animos a queda do Monarcha. Tres partidos politicos desenhavão-se no paiz, e tentavão partilhar a posse de um poder enfraquecido pela revolta. Os Andradas guardarão generosa fidelidade ao ex-Imperador, e affrontarão as paixões do dia, os odios implacaveis da exaltação politica, em defesa da monarchia. Nomeado pela Regencia Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario junto á Côrte de Londres, Antonio Carlos declinou de si essa commissão para não participar dos fructos de uma revolução que lhe dispertava as apprehensões do patriotismo.

Por este tempo, quando o paiz oscillava no meio dos receios melancolicos da restauração, partio para a Europa, depois de haver pela imprensa unido sua voz á de seus illustres Irmãos, em prol da causa publica, ameaçada pela lava revolucionaria. O Governo olhou com desconfiança para esse acto, e julgou nelle encherger uma tentativa simuladamente reprehendida para trazer ao Brasil o Duque de Bragança, como o querião os restauradores (8).

As paixões do dia acceitarão essa palavra, emanada das regiões do poder, e repetirão-na em odio á Antonio Carlos. A verdade historica á este respeito ainda não appareceo em toda sua luz. Cumpre desvendal-a para dizel-a com inteireza ao paiz e á posteridade.

Em 1835, desvanecidas já as apprehensões da restauração voltou

(8) Veja-se o Relatorio do Ministro do Imperio de 15 de Maio de 1834; colleccção Nabuco, tomo 9.º pag. 205.

ao Brasil. Sua Provincia lembrou-se então, postoque tarde, do filho esquecido, e pagou-lhe o tributo de sua gratidão, elegendo-o Deputado á Legislatura de 1838.

Pela primeira vez, apoz uma ausencia de longos annos, sua voz saudosa ia echoar no angusto recinto dos legisladores. Não era o novel parlamentar, que vinha balbuciar na tribuna a palavra de suas timidas inspirações. Era o patriota, encanecido no serviço de seu paiz, que gemera dias amargos na terra do estrangeiro, e voltára com a fronte irradiada pelas glorias da proscipção. Sob aquella coroa de cabellos brancos agitava-se ainda o mesmo pensamento viril, ardia o mesmo fogo de inspiração, que era o segredo de seu poder na tribuna.

Antonio Carlos appareceo com magestade no antigo theatro de suas glorias, e parecia haver-se engrandecido com as luctas do soffrimento. Sua palavra era fecunda de graves pensamentos, e sob suas fulminações omnipotentes o poder recuava terrificado. Essa brilhante opposição de 1838, que conquistou em nossa historia parlamentar um lugar de honra, e procurou suster a democracia ferida pela reacção monarchica, essa opposição engrandecida pelos talentos dos Alvaes Machados, Martim Francisco, Montesuma, Limpo de Abreo, teve por luzeiro de seus triumphos a palavra luminosa de Antonio Carlos.

Um dia sua eloquencia devia abater sob seus golpes audaciosos esse governo, que vergava sob o peso de uma tarefa superior ás suas forças, e abrir uma epocha nova n s. destinos do paiz. Os grandes oradores são os arbitros dos Imperios. Os discursos de Mirabeau desmoronarão um throno secular; e suas palavras cheias de fogo, como sahidas de um volcão, converterão-se em outros tantos factos sociaes, que mudarão a sorte da especie humana. A' eloquencia de Antonio Carlos faltava esse triumpho soberano, que devia provar, que, confiando-lhe o poder da palavra, Deos lhe déra o verbo de uma nacionalidade e o sceptro da situação.

A maioridade appareceo como a estrella, que propicia rutilava no horisonte do Brasil: á sua luz radiosa surgio a personalidade politica de Antonio Carlos, e revelou-se em toda sua grandeza.

Essa idéa fecunda, que alentava as forças da nação, como fadada á restituir-lhe a vida, pairava em todos os espiritos. Todos os labios murmuravão tremulos essa palavra de salvação para o paiz. A Representação nacional recebeo o influxo da opinião, e em sua phisionomia desenhou-se a anciedade, que preocupava a todos para apagar de uma vez a luz tibia e agonisante do Governo da Regencia. Depois de mil oscillações e hasares o Deputado Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva propoz na Sessão de 21 de Julho de 1840 a maioridade do Snr. D. Pedro II. Estava travada a lucta. Trazendo para o paiz a salvação, a nova idéa acarretava para a Regencia a perda do poder; acceder á ella era, por parte desta, um suicidio. A maioridade encontrou no Governo vigorosa opposição.

Bernardo Pereira de Vasconcellos, chamado no momento supre-

mo para conjurar a crise, adiou a Assembléa Geral por Decret de 22 de Julho de 1840. Foi um verbo de morte atirado no meio da indignação publica. « *E' um traidor, é um infame o actual ministerio..... quero que estas palavras fiquem gravadas como protesto* » disse Antonio Carlos, e suas palavras soarão como uma fulminação terrivel contra o ministerio. A Camara resiste á execução de um Decreto, que parecia destinado á abysmar a nação em um pelago de infindas dissensões. Os Deputados correm pressurosos ao Senado, dirigem uma energica representação ao throno: o Monarcha accede á anciedade geral: o Imperio está salvo. A maioridade era uma realidade.

Em todo esse patriotico movimento, que desenlaça em um dia os anéis do futuro, e decide dos destinos da nação, figura com honra e gloria o nome de Antonio Carlos.

Proclamada a maioridade, foi o illustre Patriota chamado á dirigir uma situação creada por elle, e a insignia do ministro cubrio o peito do tribuno popular, cingido já com o laço glorioso da Independencia. O poder e a liberdade derão-se as mãos em união fraternal. A confiança publica renascia, e dias risinhos parecião aguardar o Imperic.

Foi o raiar de um dia, que allumiou os horisontes da Patria, e sumio-se vencido pelas trevas, que vierão de novo enlutar os destinos da nação.

A' 23 de Março de 1841 o ministerio da maioridade estava cahido do poder, e Antonio Carlos descia de novo á arena politica para combater pela causa da liberdade, que seu patriotismo via ameaçado pela volta da reacção monarchica.

Na Assembléa Provincial de S. Paulo desprendeo contra o poder sua voz prestigiosa, e em uma Representação ao throno significou com energia suas melancolicas apprehensões pelo futuro do paiz: « Senhor! as convulsões politicas, como funestos cometas, trazem em sua cauda os estragos, as miserias, o derramamento de sangue mesmo innocente, e o abalo dos governos estabelecidos e talvez sua ruina inteira; como não deprecará, pois a Assembléa Provincial de S. Paulo o exercicio do poder tutelar do Monarca para arredar de si tão medonho porvir? Já se nos antolha lobrigar na lava revolucionaria os talismans quebrados da jerarchia e da autoridade, e só da piedade de V. M. I. esperamos o socego de nossa inquietação.....

..... A Assembléa Provincial de S. Paulo tem cumprido com o seu dever, sabe que a verdade nem sempre é agradavel aos Principes, e de certo nunca aos zangões que os rodeão e abusão de sua inexperiencia.....» (9)

A recompensa desse acto de civismo elle a teve em uma solemne

(9) Por Aviso do Ministerio do Imperio de 5 de Fevereiro de 1842 declarou-se, que esta Representação não era digna de subir á presença do Imperador.

desfeita por parte do poder,—a exautoração das honras de Gentil-Homem. A adversidade, que assignala a vida dos filhos da liberdade, devia perseguil-o até a ultima hora.

Dissolvida a Camara dos Deputados em 1842, para a qual fôra eleito pelos suffragios de sua Provincia, retirou-se á sua Cidade natal, para ahí repousar, no tranquillo remanso da paz domestica, de uma vida tempestuosa e agitada, cheia de dolorosas attribuições. Ainda o voto da Patria veio arrancar-o do placido retiro, e a Legislatura de 1845 vio-o em seu seio como Representante do povo. Sua vida fôra toda dedicada á causa de seu paiz; a gloria de sua Patria o sol luminoso, que lhe allumiava a existencia. Seus ultimos momentos ainda os empregava em pagar-lhe o tributo de seus esforços para engrandecel-a.

Tantos e tão relevantes serviços, entrelaçados com as glorias da proscipção, que é como a prova suprema da virtude civica, devião concitar a gratidão de seus concidadãos. A Provincia de Pernambuco, em cujo peito bulharão sempre ardentes as crenças do patriotismo, essa Provincia, que em cada feito de sua historia enumera um louro immarcescivel, levantou-se para pagar á Antonio Carlos a divida nacional. Em 1845 o illustre Paulista estava escolhido Senador por essa Provincia. Sua palavra luminosa foi lançar seu ultimo clarão no theatro das glorias dos Paulas Souzas, Vergueiros, e Feijós.

Mas era tarde, bem tarde, que a Patria o revocava do esquecimento para pagar-lhe a divida de sua gratidão. A sina dos grandes homens acompanhava-o sempre. Tasso morreo na vespera do dia, em que sua Patria arrependida ia no Capitolio cingir-lhe a fronte com a corôa de—Principe dos Poetas Italianos. Antonio Carlos entrou para o Congresso dos Anciãos da Patria, quando sua vida esgotada nas lides politicas buscava o repouso eterno, e sua voz enfraquecida ia á sumir-se nas voragens do tumulo.

No dia 5 de Dezembro de 1845 ja o paiz lamentava seu passamento; ja seus labios, consumidos pelo fogo da palavra, estavam pregados pela mudez da morte.

Foi um astro luminoso, que afundou-se nas cores do poente; um nome glorioso, que a historia conquistou para suas paginas. Sua figura gigante avulta no portico da Independencia, como um dos creadores de nossa nacionalidade. No meio da geração presente simbolisava um resto do passado, respeitado pela mão do tempo para illustrar sua Patria com os episodios de seu civismo romano, e no meio da descrença do seculo ser o modelo vivo das venerandas virtudes de nossos maiores. O brilho de sua gloria nunca mareou-se com a mancha do crime. Em quanto houver um culto pelos grandes homens, e a virtude civica inspirar a gratidão, o Brasil inteiro repetirá com religioso respeito o nome de Antonio Carlos, que irá abrindo um sulco luminoso atavez dos seculos futuros! S. Paulo 7 de Outubro de 1857.

F. I. M. Homem de Mello.

EVARISTO FERREIRA DA VEIGA.

(Noticia Biographica.)

Emanação viva da divindade, o talento tem por primeiro característico a força superior que o anima, a omnipotencia que o assiste para realisar sua missão atravez de todas as eventualidades.

Compulsae as paginas da nossa historia, e vereis em exemplos eloquentes proclamada essa verdade fecunda, que ennobrece a natureza humana.

Encerrado no fundo de um claustro, estreitado nos palidos horizontes da ignorancia colonial, Fr. Francisco de S. Carlos inspira-se na grandesa magestosa da religião do Christo, e immortalisa-se nos accentos da epopea. Paula Souza educa na solidão de modesto retiro a robustez do seu vigoroso pensamento, engrandece no retiro sua intelligencia, e eleva-se á altura do genio. Evaristo, o livreiro obscuro, arrastado pela força de sua vocação, deixa o balcão do negociante para identificar seus destinos com os da patria, para confundir seu nome com as glorias de seu paiz.

Ha alguma cousa de grande e de animador nesses exemplos eloquentes, que proclamão a força do talento, os triumphos do espirito. Essas intelligencias, que nos deslumbrão com seu brilho, educárão-se nos soliloquios do gabinete, nos esforços isolados do individualismo, nas elocubrações difficeis do pensamento entregue á si mesmo.

A carreira politica de Evaristo é um documento vivo e fecundo do poder das grandes vocações. Sem os recursos de uma cuidada educação litteraria, sua intelligencia robusteceu-se no estudo, e attrahio a admiracão e o respeito de seus compatriotas.

Na vida publica revelou talentos superiores, que forão realçados pela probidade de um character independente, e por um patriotismo nobre e desinteressado. Não o attrahio a politica pelas seducções, que por ventura offerecesse á sua ambição: foi arrastado á tomar parte nos negocios publicos de seu paiz pela força de suas convicções, pela marcha tortuosa da administração. Evaristo não pôde manter-se impassivel diante da attitude ameaçadora, que apresentavão os destinos de sua patria: diante do perigo commum o indifferentismo é um crime.

Fóra do poder, domiçou a situação, e nunca quiz gozar de suas doçuras e vantagens, elle que teve em suas mãos os destinos do paiz.

Ligou seu nome a uma revolução politica, e manteve sua gloria pura dos excessos praticados. Encarnárão-se nelle os elementos de uma epocha, e nos fastos do Brasil simbolisa seu nome uma de suas mais importantes phases historicas.

Evaristo Ferreira da Veiga nasceo na Cidade do Rio de Janeiro á 8 de Outubro de 1799. Foi seu Pai o mestre d'escola Francisco Luiz Saturnino, Portuguez de principios rigidos e austeros, que implantou

na educação de seu filho os elementos de uma sã moral, e da religiosidade christã: nesse tirocinio severo formou-se esse character incorruptivel, que lhe servio sempre de bussola nos embates tempestuosos de sua vida publica.

Desde logo sua intelligencia precoce, desabrochada nos brincos da infancia, denunciou sua vocação litteraria: dotado de espirito de meditação, e achando-se entre livros, tomou-o o habito do estudo, e sua phisionomia litteraria começou de desenhar-se. A Independencia vio-o ainda no retiro do gabinete, mas testemunhou já os primeiros fructos de sua joven intelligencia: Evaristo saudou a emancipação de seu Paiz com as primicias de seu talento: erão os primeiros assomos do patriotismo. Sua hora porem não havia ainda chegado: seu nome não fôra fadado para brilhar nas glorias da Independencia. O 7 de Abril reservava-lhe suas grandes peripecias para dar-lhe um lugar no proscenio da historia brasileira.

Os acontecimentos se havião precipitado. Os erros do poder havião amortecido as esperanças constitucionaes do Brasil: o primeiro reinado declinava sombrio para o seu occaso....

Quando no alto mar a tempestade se desencadeia e ameaça, na ruina dos elementos, submergir a fragil não agitada pelos ventos, correm todos, por um dever sagrado, á levar o concurso de suas forças para a salvação commum. Assim quando a causa publica periga, o patriotismo não pôde estacar indifferente, e o empenho de salvá-a torna-se o dever de todo o cidadão, que sente arder-lhe no peito a scentelha sagrada do amor patrio. « Vergonha á aquelle, que assiste cantando a ruina de sua patria » (1) disse o illustre Poeta da França, e não fez mais do que emprestar o prestigio da poesia á uma verdade já professada pela religião do patriotismo.

E' nessa situação dolorosa, que a attenção de Evaristo é despertada pelo expectaculo desolador das cousas de seu paiz: o poder desacredita-se em uma serie de erros fataes, e perde a confiança nacional. Então seu patriotismo se accende, e o grito da Patria encontra écho generoso em seu coração. Em quanto a tribuna lhe não franqueia seus porticos, Evaristo appella para a imprensa, e põe os recursos de sua intelligencia ao serviço da causa de seu paiz. Em 1828 chamou á si a redacção da—*Aurora Fluminense*—, e desde esse tempo seu nome se inscreve com honra na lista dos defensores da liberdade.

Para o homem do dever, que tem diante dos olhos a religião do patriotismo, a imprensa politica assume a sublimidade de um sacerdocio. O escriptor publico torna-se então o orgão magestoso de um povo inteiro, e suas palavras traduzem os votos de toda uma Nação. Assim comprehendendo Evaristo sua missão: suas palavras erão inspiradas pelo só interesse da causa publica: o patriotismo era a luz, que guiava sua penna.

(1) Honte á qui peut chanter pendant que Rome brûle. (*Lamartine.*)

Escrevendo em uma época, em que o atraso do paiz era ainda sensível, tornou seu jornal um vehiculo de instrucção, por meio do qual procurava doutrinar o povo, e preparal-o para a posse da verdadeira liberdade: suas paginas erão illustradas com os escriptos de Dunnoyer, Benthan, Droz, Benjamin Constant, Franklin, que explicava á seus concidadãos, como o sacerdote ensina ao povo a palavra do Evangelho. Comprehende-se, que nessa altura a imprensa toma o lugar de um meio poderoso de propaganda, e o escriptor publico reveste o caracter de um missionario das grandes verdades sociaes.

Mas a gloria do escriptor publico é transitoria e ephemera; goza hoje das ovações do dia para desapparecer amanhã no tumultuar incessante dos acontecimentos. « *Dir-se-ha, que cada escriptor é como o operario ignorado desses templos da idade media, que contribuindo para a construcção de tantas maravilhas artisticas, vê a sua iniciativa confundida na acção collectiva, que fundou o primoroso monumento.* » (2)

E é assim: o escriptor publico trabalha incançavel na obra grandiosa da civilisação; esgota nella suas forças: a obra ergue-se magestosa, atravessa as idades, e seu nome desapparece, como o do obscuro obreiro das Pyramides do Egypto....

As sympathias nacionaes vierão logo coroar o defensor esforçado das liberdades publicas: Evaristo, que occupava na imprensa um posto de honra, conquistado por brilhantes talentos, foi pela Provincia de Minas Deputado á essa Legislatura de 1830, que a Nação mandava ao parlamento, como a guarda avançada de suas liberdades.

Sua attitude no meio dos eleitos do povo, estava d'ante-mão marcada. O voto nacional encontrou sempre em Evaristo um orgão legitimo e energico, que oppoz com vigor os protestos do patriotismo aos desvios do poder. A tribuna parlamentar tornou-se o theatro dos triumphos do escriptor da *Aurora*. Era o servidor devotado de uma idéa, que empenhava os recursos da penna e da palavra para defendel-a.

A occasião se aproximava, em que seu nome ia confundir-se com as glorias da liberdade. Estava imminente a revolução: seus primeiros signaes assomavão já no horisonte. O poder desperta-se emfim ao murmuro sinistro do descontentamento publico: o Imperador corre á Minas para antepôr seu prestigio ao curso das idéas liberaes, que sua imprudencia tem excitado contra elle: as decepções o esperão, e a Côrte recebe em seu seio o Monarcha desenganado. E' o momento supremo da crise: a nacionalidade brasileira é insultada pelo Portuguez: o patriotismo acha-se empenhado em uma lucta de morte, em que deve triumphar ou morrer para conquistar seus fóros postergados: O povo começa de agitar-se inquieto, como ensaiando o grande drama, que preparão os acontecimentos. Evaristo assume a responsabilidade da revolução, e inscreve seu nome nessa representação ameaçadora de 17

(2) Lopes de Mendonça, Memorias de litteratura contemporanea, art. Antonio de Serpa.

de Março de 1831, que desvenda os olhos ao Monarcha, e fal-o contemplar o abysmo, que tem diante de si. A revolução estava triumphante; a nacionalidade de um povo nunca se atira ao campo da acção para ser esmagada pelo poder.

Evaristo é a encarnação viva do 7 de Abril: as idéas da revolução tomárão corpo e personificarão-se nelle, como em seu mais genuino representante: elle a dirigio com coragem e firmesa, e depois da victoria sua gloria-completou-se com os rasgos de uma moderação magnanima. O culto da liberdade não traduzia nelle o delirio febricitante das idéas revolucionarias: nos dias da lucta fôra um dos que com mais dencdo partilhárão o perigo, dos que sacrificárão seu repouso pela causa publica; nos dias do triumpho foi o primeiro, que appareceo com o ramo de oliveira, e antepoz o prestigio de sua coragem civica ás exigencias da revolução. Seu patriotismo foi posto em duvida; as suspeitas o rodeárão: mas elle *acceitou a impopularidade de um dia* (3), e salvou a Nação. O abysmo não tragou a Monarchia.

A attitude guardada por Evaristo em frente da arrogancia ameaçadora da revolta triumphante, elle o tribuno que a desencadeára com sua voz; a firmesa, que então ostentou, dão á seu character uma grandesa difficil de ser imitada. O fautor do 7 de Abril desmentio a sentença da historia sobre as revoluções: não manchou seus louros no sangue, nem mareou sua gloria com a nodoa do crime. Quando apparecêrão os symptomas, precursores das revoltas subsequentes ao 7 de Abril, quando as idéas da revolução parecião condemnadas á perecerem no meio das dissensões civis, Evaristo, ainda em meio do delirar do triumpho, incendia-se nas inspirações do patriotismo, e atirava ás turbas revôltas essas palavras notaveis, que revelavão as apprehensões que debatião o seu espirito sobre o futuro da revolução: « *Não são os bons Patriotas, que devem trabalhar, para que a revolução gloriosa se perca nos abysmos da dissolução social.* » (4) Não o acobardava o spectaculo aterrador do povo armado para assim apoiar seus votos, expressados no meio de vozerias na praça publica: longe de sanctificar esses excessos de seus companheiros d'hontem, elle protestava na Camara *que o despotismo era sempre despotismo, quer fosse exercido por um, quer estivesse nas mãos de muitos* (5).

Nessa lucta, em que se achou empenhado com os mesmos resultados de uma idéa delle nascida, assistio-o sempre a luz do patriotismo: ao seu clarão descortinou no futuro a ruina da patria escripta em caracteres de sangue, se triumphasse a revolta. Desde então a manança da revolução em seus limites tornou-se para elle um dever. Sua actividade redobrou para desempenhar a missão grandiosa, que lhe impu-

(3) Expressão de Lamartine na discussão da Lei relativa aos restos de Napoleão; Sessão de 26 de Março de 1840.

(4) Aurora Fluminense n.º 496 de 15 de Junho de 1831.

(5) Discurso de Evaristo Ferreira da Veiga na Camara dos Deputados; Sessão de 25 de Maio de 1831.

não as circumstancias do paiz : a imprensa e a tribuna lhe não bastarão. No seio da Sociedade Defensora, a arbitra omnipotente da situação naquelle tempo, oppunha-se aos excessos da revolução com o mesmo vigor, com que combatia o pensamento sinistro da restauração do ex-Imperador : entre os dous grandes erros politicos, que entre si disputarão os destinos do paiz, seu nome atravessou sem mancha. O partido Moderado vio-o sempre á sua frente : diante das difficuldades da epocha, em meio das apprehensões terriveis da restauração, seu patriotismo não desanimou. Em vez de ser arrastado pela revolução, elle a conteve com denodado civismo, e afastou do horisonte de nossos destinos a ruina da patria : reuniu os elementos de força e confiança em torno do governo legal, conjurou os Brasileiros á união, robusteceu a força da autoridade abalada, e salvou o paiz dos horrores da anarchia. Tão assignalados serviços pela causa publica, enobrecidos por suas virtudes civicas, assegurarão-lhe uma preeminencia decisiva na gerencia dos negocios publicos : era o oraculo do poder, quasi o arbitro da situação.

Nessa posição elevada nunca o abandonou o patriotismo, manteve sempre illesa a seriedade de seu character: a causa publica nunca soffreu em seu beneficio.

Os dias se haviam passado : a revolução proseguia seu curso no meio da lucta dos partidos. A restauração desaparecera com a morte do Duque de Bragança : a missão do partido Moderado pareceo terminada ; estava removido o perigo, que o mantinha firme no campo do combate. Julgando em segurança os destinos do paiz, Evaristo conservou-se retirado da scena politica: em Dezembro de 1835 cessou com a publicação da *Aurora*, e na Camara temporaria, onde o collocára segunda vez o voto da Provincia de Minas, sua voz conservava-se muda. O patriota parecia repousar das luctas fadigas dos dias da revolução.

Os destinos do paiz entretanto ião-se complicando ; um character grave e assustador começava de desenhar-se na physionomia dos publicos negocios : o genio do mal pairava de novo sobre o Imperio. Evaristo não pôde contemplar de perto esse expectaculo afflictivo, que se desenrolava ante seus olhos (6); vio assustado o desvio que tomava a revolução, essa revolução, que lhe custára tantos sacrificios, que elle esposára com todo o vigor enthusiastico de suas crenças patrioticas ; para arredar dos olhos esse quadro de dor, retirou-se do Rio, e em 1837 a provincia de Minas recebia em seu seio o patriota desenganado. De volta á Côrte, o patriotismo lhe preparava uma das mais dolorosas provações.

O Regente do Acto Addicional constituíra-se em uma posição excepcional, contra a expectação do paiz que o elevára. Evaristo teve de assistir á uma conferencia politica em casa de Feijó, e ahí a causa

(6) Veja-se a Collecção de diversas Peças relativas á morte de Evaristo Ferreira da Veiga—Rio de Janeiro, 1837.—Causas e circumstancias de sua morte prematura.

da patria reservava-lhe uma morte prematura. Sua voz desprendeo-se energica nesse trance, e suas palavras, preñhes dos graves pensamentos que lhe agitavão o cerebro, revelárão seu profundo descontentamento. O momento era solemne: o patriota devia quebrar suas tradições, renegar o culto do passado, constituir-se em lucta com o seu companheiro de outr'ora, o salvador da Monarchia em 1831; ou acompanhando a marcha tortuosa de seu governo sancionar os males da Nação. O passado e o futuro, os sentimentos do coração e os destinos da patria travárão lucta na alma de Evaristo. Não pôde resistir á tanta tribulação, e sua cabeça vergou ao peso do infortunio de seu paiz.

No dia 12 de Maio de 1837 finou-se sua existencia, porque, como Catão, não pôde sobreviver á ruina da patria, que seu patriotismo antolhava imminente. Evaristo morreu martyr de suas convicções e de seu patriotismo: seu tumulo foi cavado pelos males da patria. Morreo, porque as grandes idéas matão as grandes cabeças, e a causa da liberdade conta seus triumphos pelo martyrio de seus Filhos!

F. I. M. Homem de Mello.

Discurso proferido na sessão magna de 26 de Junho pelo Presidente effectivo Augusto José de Castro Silva.

A immoralidade e a descrença são irmãs gêmeas da civilização, a virtude e a sabedoria brazão da opulencia, o vicio e a ignorancia miasmas da indigencia. Eis, meus collegas, o terrivel paradoxo que os espiritos fracos e que confião pouco na promessa do Redemptor do mundo buscão cobrir com as vestes candidas da verdade, e lêr no coração daquelles que vão estudar nos monumentos historicos a origem da degradação para que marchão as sociedades de hoje.

Eu temo pelo futuro das associações modernas, e não extranheis que, no dia em que vimos receber no templo da sciencia mais uma corôa de louros em recompensa dos esforços por nós tão generosamente envidados pelo florescimento das lettras no nosso paiz, obscureça a tela onde se acha lavrado o painel de vossas glorias.

Applaudo do intimo d'alma a pureza dos vossos sentimentos e a incorruptibilidade dos vossos costumes: mas, como um Escriptor, lamento que o anjo do mal ainda hoje extenda suas negras azas por sobre a fronte dos nossos irmãos, e que a par do casamento, da amizade, da politica e das doces afeições de

familia se encontre muitas vezes o adulterio, a perfidia, a corrupção, e a concupiscencia!

A epocha actual é toda de materialismo, a realza do ouro corta os vãos da intelligencia, as necessidades moraes são sacrificadas ás physicas, e a instrucção accidentalmente concedida á mocidade jamais se considera como a vida do pensamento, mas como uma arma destinada a combater verdades que pelas gerações passadas forão sempre respeitadas como dogmas!

Educados no collo de nossas mãis nunca deixamos de votar profundo respeito ás leis da religião, e de estender fraternalmente a mão para qualquer que nol-a pedisse: retirados do seio de nossas familias e levados á scena de um novo mundo, revolta-nos o papel que os homens representam. O escarneo conspurca tudo o que se nos ensinára como santo e verdadeiro!

A luta aberta entre a Igreja e o Estado, e a infidelidade dos personagens que representam estas duas associações, cuja missão unica é o aperfeiçoamento do homem, são indubitavelmente a causa do desprezo que hoje se mostra pela religião, cujos preceitos são a verdadeira baze, sobre que se assenta o edificio soberbo da moralidade.

A humildade recommendada por Jesus Christo aos virtuosos pescadores da Judéa, e o prestigio immenso dos Imperadores aconselhavão aos apóstolos da fé que se collocassem á sombra das instituições politicas para o rapido triumpho do Evangelho: porem a separação completa entre a Igreja e o Estado tornou-se manifesta, desde que as doutrinas brilhantemente ensinadas pelos discipulos do filho de Deos forão universalmente abraçadas. Livre como seu Fundador, sabia como seu Esposo, a Igreja não necessita dessa sujeição que a titulo de protecção lhe impõe o Estado. Quem a dirige é Deos, e á vontade divina não pode o misero homem oppôr obstaculos.

Creio que a Igreja e o Estado, a intelligencia e o coração, a moralidade e a sabedoria são a estrella que conduz o homem ao paraizo.

Ella não pode brilhar no horisonte da vida, em quanto lhe obscurecer a luz essa sujeição decretada pela associação politica á communhão catholica.

Com effeito, meus collegas, que paginas negras nos não offerece a historia sobre as lutas entre os poderes espirital e temporal?

Gregorio VII, Alexandre III, Innocencio III e Innocencio IV disputão aos Imperadores a primazia da Igreja. Henrique IV, Frederico Barbaroxa, Olhon IV e Frederico o Grande são fulminados pela Curia Romana.

Em minha opinião o esplendor dado á Igreja por Hildebrando e seus successores, eclipsou-se ante a venda das indulgencias,

a excommunição por elles tão liberalisada, e o poder que os Papas se arrogarão de desligar os subditos do juramento de fidelidade aos soberanos.

Obscurece-se o azulado céo de Roma, e Bonifacio VIII estremece na cadeira de S. Pedro. E' o captiveiro de Babylonia que annuncia a decadencia da Igreja, e a victoria dos Imperadores.

Clemente V elevado a sede pontifical se nos apresenta o genio do mal pousando na cupola do Vaticano.

Accitando a tiara com as condições impostas por Philippe o Bello, não trepida em condemnar a memoria respeitavel de Bonifacio VIII e decretar o exterminio da sympathica ordem dos Templarios que se glorificarão pelo martyrio. Clemente V prostitue a tiara, e declara-se um vil escravo dos Imperadores.

Os desregramentos da curia romana, e os excessos do clero que disputava a primazia á realeza e á nobreza, arrefecem o entusiasmo sagrado que os povos manifestavão pela religião chistãa.

O estandarte da Inquisição cobre de luto a humanidade, e a misera Hespanha chora o exterminio dos senhores do Alhambra como mais tarde a França devia protestar contra a revogação do Edicto de Nantes, tão bem moralisada pela rainha da Suecia.

Lá surgem Wickleff, João Huss e Jeronymo de Praga protestando contra os abuzos da Igreja. Elles morrem, mas de suas cinzas nascem Luthero e Calvino que não prevêem as consequências de suas subversivas doutrinas.

O tumulto de Vassi prediz a catastrophe de Saint Barthélemy como mais tarde as chammas de Burgos annunciárão o incendio de Moscow.

A Igreja, que soube triumphar dos heresias de Ario e Mahomet, não poudo impedir que o protestantismo se propagasse até nas virgens florestas da America que outr'ora adorárão os Las Casas, os Nobregas e os Anchietas.

Onde encontramos hoje o entusiasmo desses peregrinos que bradavão Jerusalem, Jerusalem, quando o sol, dissipando as trevas que involvião a cidade santa, a descortinava aos seus olhos? Onde essa dedicação dos defensores de Tyro, sitiada por Saladino? Onde essa abnegação dos martyres da Bulgaria, Hungria, e Nicéa?

S. Bonifacio, cultivando o solo da Bavieira, S. Bento o da Italia, S. Bernarno o da França, e S. Vicente de Paula, creando essa confraria de virgens destinada ao allivio da humanidade sofredora, forão esquecidos como esses montões de ossos que quaes outros alveiros collocados na Asia, devião levar á posteridade a gloria das cruzadas.

Não menos tem concorrido para a existencia do paradoxo que constantemente se repete a pouca consideração que nos merecem as classes desvalidas da sociedade. O feudalismo succumbe aos ataques da realeza, e os reis saudão sobre as ruinas dos castellos

feudaes o triumpho da monarchia. A revolução franceza, seduzida talvez pela gloria das communas da idade media, condemna as usurpações da realeza, e proclama a propriedade como um direito individual. Apesar da influencia exercida por esse glorioso movimento sobre a organização da propriedade, a miseria não tem deixado de acompanhar a humanidade. Talvez os preconceitos sociais sejam a causa da desigualdade das fortunas. Porque o trabalho do obreiro não deve ser tão santo como o do sabio? Porque se deve desconsiderar a condição do artista, e somente cobrir de prestigio a do litterato, do politico, do clerigo e do juriseconsulto?

Apreciemos o homem não pela condição, mas pelo merecimento, derramemos a instrução pela classe pobre, e veremos que aquelles que condemnão a actual organização da propriedade não se lembrarão de achar nossa salvação no Phalansterio dos Socialistas.

Pugnemos pelo triumpho da religião catholica, colloquemos ao lado da egualdade espiritual a temporal, e a moralidade marchará ao lado da civilisação, e a virtude e a sabedoria serão partilha de todos. Talvez o pobre que hoje arrastado pela necessidade se apodera do bem alheio seja superior ao rico que por ostentação atira ao miseravel uma migalha do seu epiparo jantar. Talvez o pobre hoje ignorante roube ao rico os louros de sua gloria litteraria.

Eu prefiro Godofredo de Bouillon recusando trazer o diadema real no lugar em que Jesus Christo foi coroado com espinhos a Napoleão proclamando a liberdade politica da França. Eu prefiro Reinaldo arvorando nas muralhas de Jerusalem o estandarte da fé ao heróe da Vandéa destraldando nos muros de Thouars a bandeira branca dos Bourbous.

Eu prefiro S. Luiz morrendo pela fé nas inhospitas plagas do Egypto, e O' Counell pugnando pela emancipação dos catholicos da Irlanda a Carlos XII e Pedro I disputando-se a gloria militar nas batalhas de Narva e Pultava.

Permitti, meus collegas, que ao concluir meu discurso, vos manifeste meu reconhecimento pelas não pequenas provas de consideração e estima que immerecidamente me tendes prodigalizado. Eleito Presidente Effectivo desta respeitavel Associação, não só mereci a honra de ser por duas vezes reeleito, como me tem cabido a gloria de presidir as sessões magnas que o —Atheneo Paulistano—ha celebrado durante a minha administração.

Se ventos favoraveis levarem-me incolume ao porto do meu destino, será esta a ultima sessão magna do anniversario da Fundação do —Atheneo Paulistano—que terei o prazer de assistir. Creio não ser inopportuna a occasião para dizer-vos que meu coração de direito vos pertence. Amando esta associação como filha, tendo a acompanhado desde os primeiros dias da minha vida aca-

demica, não posso deixar de estimar e reverenciar a todos aquelles que tem a ventura de a constituir.

E pois, meus collegas, qualquer que seja a sorte que se me aguarde nesse mundo de decepções, a que a fatalidade me arrasta, eu serei feliz, se por ventura souber que o—Atheneo Paulistano—florece á sombra da oliveira da paz.

Meus collegas. Espero tudo de vós, e vos assevero que a patria bemdirá de vossos esforços, e que a posteridade cingir-vos ha a fronte com a brilhante aureola da immortalidade.

Está aberta a sessão.

Um typo litterario Brasileiro.

Todos os dias se diz por por ahi que tudo quanto o Brasil produz é mesquinho, que as composições brasileiras são de pouco merito, que a nossa litteratura não pode apparecer em face das outras litteraturas, porque necessariamente ficaria offuscada, que nossos homens são pigmeos, que o nosso paiz é barbaro, que sei eu! Ingratidão dos nacionaes! Perfidia dos estranhos!

E tudo isto se tolera, e tudo isto ista acha muitas vezes assentimento! Não admira. Se os brasileiros não estudão a sua historia! Que estranhos nos desconheção, e digão sobre nós quanta calumnia lhes lembra a fantasia, embora; mas que nacionaes desprezem as glórias da patria, olhem com desdem para homens superiores que se tem dedicado á causa do Brasil, desreverenceiem a sua memoria, que atirem para um canto como indignas as composições nacionaes, eis o que é vergonhoso, eis o que os deve fazer corar.

D'ahi o estado lastimoso em que nos achamos, estado tão miseravel, que com elle mais nos assemelhamos a uma nação decadente do que a um povo que começa a viver. E o mais é que os brasileiros parecem decididos a considerar nossa nossa posição actual com a maior indifferença. Isto é triste, muito triste! E' que a decadencia portugueza deixou traços profundos entre nós. Por pouco que se tenha estudado a nossa historia, é isto evidente.

E pode-se na verdade perguntar-nos o que temos feito com trinta e cinco annos de independencia e de governo representativo.

Onde estão, com um desenvolvimento tão precoce das intelligencias, as nossas grandes producções scientificas ou litterarias?

Quaes são os grandes feitos politicos, e as admiraveis instituições de utilidade publica? Qual é a organização que se tem dado a este vasto Imperio?

Responderão que alguma cousa nesse sentido se tem feito, mas hão de concordar que pouco, muito pouco.

Felizmente algumas individualidades protestão contra a miseria de nosso abatimento ; alguns homens ha, quer no Brasil livre, quer no Brasil colonia, que nos arrancão da lama em que nos chafurdamos, e aos quaes não rebaixarão nem a inveja de seus irmãos nem o desdem do estrangeiro.

Mas a causa deste nosso abatimento é o pouco patriotismo que reina entre nós, é a desmoralisação que o tempo colonial nos legou, é a indiferença com que os brasileiros se obstinão a olhar para o Brasil, é o pouco caso que fazemos dos nossos homens de merito, das cousas importantes de nosso psiz. Como !? Pois os grandes talentos apparecem mais ou menos em todas as nações; e a Providencia os recusaria ao Brasil? Sim, elles existem entre nós, mas veêm-se sufocados pela indiferença esterilizadora, e muitas vezes pelo ridiculo, e pela má vontade de seus compatriotas.

Portanto se queremos ser grandes no futuro, se queremos constituirmo-nos como nação civilizada, deixemos o caminho que até aqui temos seguido, e que nos leva a um abysmo de males incalculaveis, para trilharmos uma vereda novo que nos conduza a melhor condição ; digamos a nós mesmos o que o poeta mais popular da França dizia aos seus compatriotas nos primeiros dias da Restauração em uma de suas mais patrioticas canções—*Soyons de notre pays*—, ou, para fallar a linguagem de um escriptor nosso, deixemos a nossa época critica e entremos na nossa época organica, tanto mais quanto o nosso paiz está preparado para uma renovação.

Para realisarmos isto não nos esqueçamos que temos grandes deveres a cumprir entre os quaes está em primeiro lugar o amor da patria, o estudo da nossa historia, e uma grande perseverança em servir o nosso paiz.

Sim ; sejamos crentes, trabalhemos assiduamente para elevarmos o bello e risonho Brasil á cathegoria de uma grande nação, rivalisemos em esforços com as outras nações, sejamos sobretudo reconhecidos para com os grandes homens que se tem dedicado á grande causa da prosperidade do Brasil, e lembremo-nos que se os Estados-Unidos na America do Norte causão espanto com a sua grande e maravilhosa civilisação, á nós compete representar o mesmo papel na America do Sul.

Não nos cançamos de repetir que somos capazes de realizar bellas emprezas, que o que nos mata é este scepticismo que peza sobre nós, e que apesar do que se diz de nosso atraso, brasileiros ha, cujo nome a historia enregistrará como gloria nos seus annaes, que ha creações litterarias brasileiras, que merecem occupar um lugar distincto na historia da litteratura moderna, de que é exemplo uma sobre que vamos fazer algumas observações, e que appareceu em uma época para nós mais miseravel que a de hoje ; no tempo colonial. Queremos fallar do *Uruguay de José Basileo de Gama*.

Não é nosso fim neste artigo examinar este bello poema em to-

das as suas partes, reservamo-nos esta bem difficil tarefa para outra occasião.

Entre todas as grandiosas figuras que *José Basileo da Gama* sabia evocar com sua poderosa imaginação, e fazia mover-se com tanto talento, nós escolhemos uma que muito nos impressionou pela originalidade da concepção, e pelo bem acabado da execução: é um dos heróes dessa raça valente que se batia com tanto ardor, para conservar a terra em que nascera, e defender os tumulos de seus pais; aquelle a quem o poeta chama o *grande Cepé*.

Queremos mostrar que não são só as litteraturas europeas que possuem grandes typos litterarios; que se *Chateaubriand* concebeo *René*, *Chactas*, *Atala*, *Outogamiz* e *Celuta*, se *Goethe* imaginou *Werther*, *Fausto* ou *Wilhelm Meister*, se *Charles Noddie* creou *João Sbotgar* ou *Thereza Aubert*, se *Shakspeare* soube dar vida a *Othello*, a *Hamlet*, ou a *Macbeth* *José Basileo da Gama* pôde collocar-se ao lado desses grandes genios, pois que elle tãobem concorreu para enriquecer a litteratura moderna; o que a Europa ha de reconhecer quando se occupar mais comnosco.

Vejamos como o nosso poeta põe em scena o heróe de que tratamos.

O assumpto do poeta é a guerra que Hespanha e Portugal tiveram de sustentar contra os Indios de Missões, porque por um tratado celebrado a 16 de Janeiro de 1750 entre as duas nações, ficavão pertencendo a Portugal as terras que os Jesuitas possuíão na parte oriental do Uruguay. Estes incitão os Indios a resistir. Hespanha e Portugal mandão suas tropas combatel-os, *Gomes Freire de Andrade* o principal heróe do poema é encarregado do commando do exercito portuguez.

D'ahi nasce toda a acção que o poeta nos apresenta.

No primeiro canto ha a reunião dos dous exercitos, portuguez e hespanhol, passa-se revista ás tropas.

Gomes Freire de Andrade expõe ao chefe hespanhol a causa da guerra, narra-lhe o que antes se tinha passado, os combates que tinham havido pela resistencia dos Indios, os embaraços que o exercito tinha achado em sua marcha pelo máo estado dos caminhos, tendo antes o general portuguez convidado os officiaes ao banquete para festejar a reunião dos exercitos; depois tomão todos seus postos e dispõe-se a marcha.

No segundo canto o poeta já nos apresenta as tropas em marcha; porem a magnanimidade de *Andrade* não consente que se derrame sangue sem primeiro tentar todos os meios brandos, e manda soltar os Indios que tinha presioneiros no seu campo, enche-os de dadivas e presentes, e diz-lhes que vão buscar seus parentes. Os Indios já livres afastão-se, vão encontrar os seus, a quem muito elogião a grandeza de alma do general *Freire de Andrade*. Tudo isto é pintado com naturalidade e graça inimitaveis.

Os Indios envião uma embaixada ao general. Seu enviado é *Cacambo*, que reúne a um coração amante, muita coragem e docilidade. O general emprega todos os meios para que as terras occupadas pelos Jesuitas sejam entregues sem combate. O Indio não se rende ás instancias de *Andrade*, mostra-lhe que é uma injustiça, que se lhes tomem terras que elles possuem a tanto tempo: e a influencia que os Jesuitas tem sobre os Indios se manifesta na firmeza de *Cacambo* que não se curva ás razões do general. Antes de *Cacambo* começar sua falla o poeta nos diz que viera tambem encarregado da embaixada um indio, que vem a ser *Cepé*, que entra na tenda do general com altivez.

Entrára

Sem mostras, sem signal de cortezia
Cepé no pavilhão.

Esta entrada no pavilhão é um signal do character independente de que são dotados os indigenas da America, que preferem morrer nas torturas mais atrozes a ser dominados por seus inimigos. Depois das instancias do general, que se lhe mostrára tão affavel, e tão bondoso *Cacambo* diz algumas palavras tristes e solemnes, mas em que sua resolução não desfallece. O discurso de *Cacambo* fôra longo; e, depois da replica de *Andrade*, ao começar o Indio a fallar de novo, *Cepé* temeu que houvessem ainda de uma e outra parte palavras inuteis, e como está resolvido a não ceder, e seu coração é activo e orgulhoso, e como seu character indomavel ama a concisão, elle interrompe a seu amigo para que não perdesse seu tempo em vãos discursos. Para tornarmos mais claro o que dizemos, citemos os versos do poeta de um estylo tão colorido e tão cheio de movimento.

..... e pela mão tomando

Ao nobre embaixador o illustre *Andrade*,
Intenta reduzil-o por brandura
E o Indio, um pouco pensativo, o braço,
E a mão retira; e suspirando disse:
« Gente da Europa, nunca vos trouxera
« O mar e o vento a nós. Ah! não de balde
« Estendeu entre nós a natureza
« Todo esse plano espaço immenso de aguas. »
Proseguia talvez, mas o interrompe
Cepé, que entra no meio, e diz: « *Cacambo*
« Fez mais do que devia; e todos sabem
« Que estas terras que pizas, o ceo livres
« Deu aos nossos avós; nós tambem livres
« As recebemos dos antepassados.
« Livres as hão de herdar os nossos filhos
« Desconhecemos, detestamos jugo,

« Que não seja o do ceo, por mão dos padres
 « As frexas partirão nossas contendadas
 « Dentro de pouco tempo ; e o vosso mundo,
 « Se nelle um resto houver de humanidade,
 « Julgará entre nós, se defendemos
 « Tu a injustiça, e nós o Deos, e a patria. »

E' innegavel a força e a magestade que reinão nestes versos. Os heróes da antiguidade não usarião de uma linguagem mais nobre e mais elevada que a de Cepé.

E entretanto é uma verdade que os nossos selvagens erão capazes de servir-se desta linguagem. As narrações dos viajantes ahi estão para confirmal-o. De mais o nosso poeta conhecia muito bem os elementos, de que queria dispor para commetter uma inverosemelhança. Elle mesmo, segundo nos diz, tinha fallado no Rio de Janeiro alguns Indios presioneiros nesta guerra.

Emfim vendo *Freire de Andrade* seus esforços baldados, despede os Indios, depois de presenteal-os. A *Cepé* mandou dar um arco com uma aljava cheia de settas. Estes objectos tinham pertencido ao Indio e os arrebatarão de suas mãos quando o fizerão presioneiro. O resentimento borbulha no coração do bravo, e brota de seus labios em palavras energicas, mas graves e contidas. Ouçamos o poeta.

E mandou que ao Cepé se desse um arco
 De pontas de marfim : e armada e cheia
 De novas settas a famosa aljava,
 A mesma aljava, que deixára um dia
 Quando envolto em seu sangue, e vivo apenas,
 Sem arco, e sem cavallo foi trasido
 Presioneiro de guerra ao nosso campo.
 Lembrou-se o Indio da passada injuria,
 E sobraçando a conhecida aljava,
 Lhe diz : « O' General, eu te agradeço
 « As settas que me dás, e te prometto
 « Mandar-t'as bem depressa uma por uma
 « Entre nuvens de pó no ardor da guerra
 « Tu as conhecerás pelas feridas,
 « Ou porque rompem com mais força os ares. »

Até aqui temos visto a altivez, o orgulho, a decisão firme, a forte resolução, a dignidade do póрте, e da linguagem, postoque selvagens, do heróe. Vamos agora vel-o desenvolver todo seu valor, e sua coragem invencivel.

Retirão-se os Indios, prepara-se tudo, e dá-se a batalha. De um e outro lado houve prodigios de valor e de bravura. *Aquelles montes ouvem pela primeira vez o som da caixa portugueza.*

Surgem em grande numero os Indios, e oppõem á *irada* artilharia as suas cortadoras frexas ; mas a fortuna está do lado de seus inimigos, e elles tem a grande infelicidade de perder o bravo *Cepé*, que os fazia tão temidos. Este, depois de bater-se como um leão, deixa-se ficar com honra no campo da gloria.

Fez proeza *Cepé* naquelle dia.
Conhecido de todos no perigo
Mostrava descuberto o rosto, e o peito,
Forçando os seus co'exemplo e co'as palavras.
Já tinha despejado a aljava toda,
E destro em atirar, e irado, e forte
Quantas settas da mão voar fazia,
Tantas na nossa gente ensanguentava.
Settas de novo agora recebia,
Para dar outra vez principio á guerra.
Quando o illustre Hespanhol que governava
Montevideo, alegre, airoso, e prompto
As redeas volta ao rapido cavallo,
E por cima de mortos, e feridos,
Que luctavão co'a morte, o Indio affronta.
Cepé, que o vio, tinha tomado a lança,
E atraz deitando a um tempo o corpo e o braço,
A despedio. Por entre o braço, e o corpo
Ao ligeiro Hespanhol o ferro passa :
Rompe, sem fazer damno, a terra dura,
E treme fora muito tempo a hastea.
Mas de um golpe a *Cepé* na testa, e peito
Fere ao governador, e as redeas corta
Ao cavallo feroz. Foge o cavallo,
E leva involuntario e ardendo em ira
Por todo campo a seu senhor, e ou fosse
Que regado de sangue aos pés cedia.
A terra, ou que pozesse as mãos em falso,
Rodou sobre si mesmo, e na cahida
Lançou longe a *Cepé*. Rende-te, ou morre,
Grita o governador ; e o Tape altivo
Sem responder, encurva o arco e a setta
Despede, e nelle lhe prepara a morte.
Enganou-se esta vez. A setta um pouco
Declina, e açouta o rosto a leve pluma.
Não quiz deixar o vencimento incerto
Por mais tempo o Hespauhol, e arrebatado
Com a pistola lhe fez tiro aos peitos.
Era pequeno o espaço e fez o tiro
No corpo desarmado estrago horrendo.

Vião-se dentro pelas rotas costas
 Palpitar as entranhas. Quiz tres vezes
 Levantar-se do chão : cahio tres vezes,
 E os olhos já nadando em fria morte
 Lhe cobrio sombra escura, e ferreo somno.
 Morto o grande Cepé, já não resistem
 As timidas esquadras.

E' morto o heróe! Já não existe o valente *Cepé* que ha pouco ao receber o arco e aljava que lhe tinhão tomado quando fôra presioneiro, mostrou tanta confiança em sua força e em sua coragem.

O poeta quiz-nos commover com a narração da morte do heróe, para o que elle nos preparou, fazendo-nos conhecer a grandeza daquelle alma, seu patriotismo immenso, o amor sincero que ella dedicava a seus irmãos pelos quaes se sacrificou.

Que combate terrivel este entre *Cepé* e o Governador de Montevideo! Faz-nos recordar as espantosas lutas homericas. Diomédes ou Heitor na *Illiada* não se mostram mais bravos, mais encarniçados, mais indomaveis, que estes dous combatentes.

Se em quanto Achilles se conserva encerrado em sua tenda por causa da disputa que o afastára do chefe dos Gregos, estes soffrem reveses, tambem quando o somno eterno apodera-se de *Cepé*, os Indios deixão de combater, e desanimados abandonão o campo da batalha.

E' que *Cepé* não é um combatente como qualquer outro, embora *Cacambo* não se mostre indigno de pelejar com os descendentes dos Albuquerque, dos Gamas, e dos Castros; é que *Cepé* symbolisa todas as virtudes, todas as grandes qualidades, tudo aquillo, pelo que a raça indigena Americana mereceu ficar na recordação dos homens, e encher algumas paginas da historia da humanidade.

Eis porque nós o classificamos como um typo litterario.

Com effeito, compare-se o poema de *Basileo da Gama* ás composições americanas de *Chateaubriand*, de *Chateaubriand* tão victoriado por ter feito conhecer á Europa o ceo e a natureza americana, e que alguém dotado de bom senso e de gosto litterario se atreva a afirmar que a criação, que analysamos, do nosso poeta empallidece diante das figuras imaginadas pelo poeta francez.

Entretanto o nome de *Chateaubriand* é repetido de uma extremidade do mundo á outra; emquanto *Basileo da Gama* é apenas lido em Portugal, e mui pouco conhecido no Brasil. Perguntai no nosso paiz a qualquer que já leu alguns romances de máo gosto de dez e vinte volumes, em que só se respira vicios libidinosos e paixões brutaes, compostos por *Alexandre Dumas*, *Eugenio Sue*, e outros, perguntai-lhe se já leu o *Uruguay*, se já ouviu fallar em *José Basileo da Gama*; elle vos responderá que o livro e o nome lhe são totalmente desconhecidos e talvez vos pergunte por sua vez em que bibliotheca é que existe semelhante alfarrabio.

Outro merito que se não pode recusar ao nosso poeta, é que sendo *Cepé* um resumo do que constitue a raça Americana, isto é, a independencia selvagem, o odio aos inimigos, o desprezo do soffrimento e da morte, nem por isso é uma abstracção; elle é completamente dotado de individualidade e de vida; suas palavras, seus movimentos, suas acções, como os dos heróes dos poemas homericos e os dos dramas de *Shakspeare*, denotão não o homem abstracto, mas o homem real e vivente, o que indica em *Basileo da Gama* um verdadeiro artista, um artista verdadeiramente dotado do sentimento esthetico.

Pensais que com a morte de *Cepé*, seus inimigos estejam livres de todo o perigo? Não é assim. A grandeza do heróe lhes é fatal. Depois da retirada dos Indios *Cacambo* entra em sua cabana, deita-se em sua rede, e procura dormir, mas debalde. Apesar das fadigas, o espirito exaltado pelas commoções do dia, impressionado pelas eventualidades da luta, contristado pela derrota e portanto sangue derramado, não pode ceder ás delicias do somno. Demais a morte horrivel de *Cepé*, a bravura e a impavidez, com que este se bateu, não lhe podem sahir da mente. Comtudo depois de muita agitação, elle consegue gosar de um leve somno, sempre interrompido. Eis que a sombra de *Cepé* lhe apparece em sonho e o incita a vingar-se dos inimigos, que dormem, incendiando-lhes o acampamento. Ha pouco dissemos que sem *Cepé*, os Indios nada podião fazer; deve-se notar aqui que se *Cacambo*, apesar do seu valor, se abalança a esta empreza, é que a imagem de *Cepé* dá-lhe forças para tanto heroismo. Vejamos como o poeta nos pinta este assombroso sonho.

Era alta noite, e carrancudo e triste
 Negava o ceo envolto em pobre manto
 A luz ao mundo, e murmurar se ouvia
 Ao longe o rio e menear-se o vento.
 Respirava descanso a natureza.
 Só na outra margem não podia em tanto
 O inquieto *Cacambo* achar socco.
 No perturbado interrompido somno,
 Talvez fosse illusão, se lhe apresenta
 A triste imagem de *Cepé* despido,
 Pintado o rosto do temor da morte,
 Banhado em negro sangue que corria
 Do peito aberto, e nos pizados braços
 Inda os signaes da misera cahida.
 Sem adorno a cabeça, e aos pés calcada
 A rota aljava, e as descompostas pennas.
 Quanto diverso do *Cepé* valente,
 Que no meio dos nossos espalhava
 De pó, de sangue, e de suor coberto,
 O espanto, a morte! E diz-lhe em tristes vozes:

« Foge, foge, Cacambo. E tu descansas
 « Tendo tão perto os inimigos? Torna,
 « Torna aos teus bosques, e nas patrias grutas
 « Tua fraqueza, e desventura encobre.
 « Ou se acaso inda vive no teu peito
 « Os desejos de gloria, ao duro passo
 « Resiste valioso; ah tu que podes!
 « E tu, que podes, põe a mão nos peitos
 « A' fortuna de Europa: agora é tempo,
 « Que descuidados da outra parte dormem.
 « Envolve em fogo, e fumo o campo, e paguem
 « O teu sangue, e o meu sangue. » Assim dizendo
 Se perdeu entre as nuvens, sacudindo
 Sobre as tendas no ar fumante tocha;
 E assignala com chammas o caminho.

Este episodio é mais que magnifico; toca ao sublime. N'elle ha todo aquelle terror, que reina na epopéa e nas tragedias gregas. A imaginação do poeta subio ás maiores alturas. Este sonho vale bem o de *Enéas* em *Virgilio* e o de *Athalia* em *Racine*. A alma do leitor soffre uma impressão ao mesmo tempo grande, forte e energica, e luta com uma commoção invencivel. Este sonho, pode-se dizel-o sem hyperbole, é uma concepção muito superior á do sonho de *Telemaco* em *Fenelon*. O vigor da imaginação do nosso poeta neste lugar é incontestavel. Que grandeza de imagens! Como o estado da natureza é proprio para conservar na alma de *Cacambo* aquelles pensamentos tristes! E ao mesmo tempo que originalidade! Oh! já não é permittido, depois que *Basileo da Gama* compoz o seu *Uruguay*, tratar os brasileiros de imitadores, e copiadores da litteratura Europea. Não fallando do poema em si, que é certamente uma criação que honra a musa brasileira, bastava somente a maravilhosa concepção e o desenho feliz dessa magnifica figura de *Cepé* para immortalisar o eximio poeta.

Certamente não nos accusarão de prodigo de elogios. Não obstante as injustiças que nos costumão fazer, dous estrangeiros de um talento superior, *Ferdinand Dinis* e *Garrett* prestarão homenagem ao merito raro e ao subido valor de *Basileo da Gama*, e não forão parcos de elogios para o nosso poeta.

Nós brasileiros temos sido muito descuidados em celebrar nossos grandes homens, as illustrações de nosso paiz. Lembremo-nos que a patria não consiste somente no terreno em que se habita, em ser regidos pelas mesmas leis, mas tambem em ter as mesmas tradições, em sentir commoções identicas, e na recordação dos grandes homens que por qualquer modo servirão ao paiz, a que pertencemos: que um dos meios mais poderosos para engrandecer e honrar a patria é o cultivo das lettras.

Sigamos o exemplo das outras nações. Para a França *Descartes*, *Pascal*, *Corneille*, *Racine*, *Moliere*, *Voltaire*, *Rousseau* fazem parte da gloria nacional. A Allemanha tem quasi tanta veneração ao nome de *Gæthe*, como a uma religião nacional. *Shaskpeare* é muito popular em seu paiz, e faz o orgulho da velha Inglaterra. O *Dante* é mui conhecido na Italia, e o mecanico de Florença sabe de cór trechos da *Divina Comedia*. O gondoleiro napolitano repete em suas suaves e amorosas cantilenas os versos da *Jerusalem Libertada do Tasso*, e os sonetos de *Petrarca* são pronunciados por todos os labios amantes da Italia.

No Brasil, mesmo grande parte da gente que se diz lettrada, não tem lido as obras dos nossos poetas; o povo, esse nem sabe se existem.

Popularizemos, pois, seus gloriosos nomes, e que *José Basileo da Gama* occupe um lugar distincto na memoria dos brasileiros.

Ferreira Dias.

POESIAS.

A' MEMORIA DE RAPHAEL TOBIAS DE AGUIAR.

Rúem por terra os pavilhões da patria
Vestem-se os templos de funereos crépes,
E o sol brilhante do Brasilio Imperio
Se esconde em nuvens, que o horisonte obrumbam.

As mattas virgens do Brasil se abatem,
As flôres murcham, e o ciclar da brisa
Crestando o fructo da sentida planta,
O lucto leva ao coração do povo.

Porque, meu Deos, a natureza inteira
As negras vestes da tristesa busca?
Porque, meu Deos, a lacrymosa patria
Esquece as glorias das passadas éras?

Abrem-se as portas da mansão celeste,
Os hymnos trôam no infinito espaço,
E Deos sentado no fulgente throno
Recebe a alma de um heróe da patria.

Qual debil ave, que abandona o ninho,
 E os ares rompe sacudindo as azas,
 Assim do corpo se desprende a alma,
 Que vóa altiva á divinal morada.

As vastas salas do palacio eterno
 Tremulo pisa o peccador constricto;
 Ufano calca-as o varão preclaro,
 Do pobre esteio, e da nação tribuno.

Embóra o cyrio da virtude acclare
 Os feitos grandes do immortal Paulista,
 Seu corpo as glorias do Brasil desperta,
 E pede ao povo da saudade o pranto.

Eil-o sem vida na mortuaria lage;
 Jamais verei a omnipotente dextra
 Brandir o gladio, e conduzir o povo
 Ao sacro altar da liberdade santa.

Jamais á voz altisonante e forte
 Se curvarão as denodadas turbas,
 Que iam quebrar-se nos degrãos do throno,
 Como na praia os vagalhões se arrojam.

Que importa haver o patrióta egregio
 Dias passado no infernal presidio?
 Não foi o amor, que dedicára á patria,
 Que o fez chamar os cidadãos ás armas?

Lagrymas vertem os campeões valentes,
 Que pelo povo combateram sempre;
 Mas eis que o manto do monarcha excelso
 Protege o néto de Amadôr Bueno.

Chorai, Paulistas, e escrevei comigo
 Na fria lousa do immortal Tobias
 Este epitaphio eloquente e breve:
 Foi mais que um rei, foi o mentor do povo.

A. J. de Castro Silva.

O PERDÃO.**Ao meu amigo A. T. B.**

Ouve e julga-me então. Minha innocencia
 Revela-te a franquesa de miuh'alma ;
 E's bom amigo,—tu terás clemencia,
 A minha confissão escuta em calma.

Vi tua amante e conversei com ella,
 Mostrei-lhe um coração sincero e puro;
 Chamei-a de formosa, achei-a bella...
 Mas isto amor não é, eu to asseguro.

Amor não falla, quando o peito sente,
 Calado vive e cresce e geme e chora;
 E' como o lyrio de ao pé d'alva corrente
 Trescalando de aroma ao vir d'aurora.

Criminoso porque?... Na branca rosa
 Meus dedos não tocárão, tu bem viste !
 Apenas d'entre as outras de formosa,
 Ousou chamar-lhe um dia o bardo triste.

Ai ! A flor não se offende, ouvindo a brisa
 Modular-lhe de leve um doce canto !
 Ama a brisa o perfume e se deslisa
 Nos ares a perder-se por encanto.

E' a sina do bardo amar as flores,
 O Ceo, a Lua, a natureza inteira;
 Sonhar o que é de Deos são seus amores
 Não póde amar na terra, embora o queira !

Não me crimines, não ! minha innocencia
 Revela-te a franquesa de minh'alma:
 Deves julgar-me, sim, com mais clemencia;
 No teu peito o ciume agora acalma.

Bittencourt Sampaio.

S. Paulo—1857.

A FLOR DO CEMITERIO.

(Canção.)

Queres, Celina, qu'eu diga
O segredo desta flor ?
Que revele, doce amiga,
O mysterio
Da rosa do cemiterio,
Pendida n'haste, sem côr ?

Escuta.—Loira menina
Deixou-se morrer de amôr:
Era singela bonina,
Orvalhada
Dos rocios da alvorada,
Em todo o viço e frescôr.

Um anjo lindo souhava,
—Que lindo sonho ! que ardôr !
Innocentinha affagava
Com sorriso
A visão do paraíso
Que lhe prendia de amôr.

E sonhava um'outra vida
De soes, de luz, de esplendor,
Vida eterna tão querida
D'alma sancta,
Que só das glorias se encanta
Dos anjos lá do Senhor.

E vivia assim na aurora
Plena de graça e pudôr.
Veio a morte,—então descora
Da menina
Linda face purpurina,—
E morre a virgem de amôr !

Sobre a sua sepultura,
Rosa pallida e sem côr
Aqui nasceo sem cultura
No mysterio
Das sombras do cemiterio,
Pallida, sim, mas de amor.

Dá-lhe o anjo doce pranto,
Mas não córa a linda flôr;
Mesmo assim tem mais encanto
Desmaiada
Do que outr'ora tão corada,
Da vida no meigo albôr.

Ouve-se aqui no retiro
Aereo canto de amôr,
Talvez um longo suspiro
Da donzella,
Que o sancto affecto revela,
Transformada em branca flôr.

Eis, doce amiga, narrado
O segredo desta flôr.
Pensa bem no triste fado
Desta historia,
E conserva na memoria
Um eterno e santo amôr.

Bittencourt Sampaio.

ATTENDE.

Eu tambem derramei pranto amargoso
No collo impuro da misera vendida,
Já dormindo esqueci em longa orgia
Os males desta minha triste vida.

Halito negro bafejou-me a fronte
Na febre ardendo de saturnaes immundas,
A pobre, e triste, e errante transviada,
Já no peito me deixou chagas profundas.

Desvairados já vi olhos formosos
Pedir-me um goso de lascivia horrenda,
Já vi meu coração tremer convulso
Entre as angustias de licção tremenda.

Já a vida odiei, o mundo, e os homens,
Já tive instantes d'infernal loucura,
Já quiz meos dias resumir n'um goso,
Já escravo me fiz da desventyra.

Mas trahir uma espr'ança lisongeira,
Mentir os votos da paixão mais fida,
Fingir-me amante, pr'a tragar a presa,
Nunca, nunca fiz na minha vida.

E encontro, meo Deos, inferno horrivel
Agora que amei uma perjura !
Na vendida—achei só o que buscara,
E nella?—ainda mais que desventura !

20 de Setembro de 2857.

A famosa canção de Béranger intitulada—o Senador—, acaba de ser traduzida pelo Sñr. Paula Brito com a maior graça e naturalidade, a ponto de não desmerecer do original.

Pela difficuldade da traducção, pela elegancia do estylo, e pelo bem que foi traduzida, pedimos licença aos nossos leitores, para transcrevel-a de uma de nossas folhas mais conhecidas, aonde foi publicada a traducção com geral acceitação.

O SENADOR.

(Canção de Béranger.)

Minha esposa é meus amores,
E que olhinhos Rosa tem !
Mas, como eu, alguns senhores
Por elles morrem tambem.
Apenas de me casar
O céo concedeu-me a dita,
Tive logo, e sem pensar,
De um senhor a visita :
 Que amizade !
 Que bondade !
Ah ! meu nobre senador,
Tanta honra, meu senhor !....

Seria longo o registro
Das acções que praticou ;
Té no saráo de um ministro

Com minha mulher dansou!....
 Se me encontra, cavalheiro
 Em qualquer occasião,
 Mesmo na rua, é o primeiro
 Que vem me apertar a mão!
 Que amizade!
 Que bondade!
 Ah! meu nobre senador,
 Tanta honra, meu senhor!....

Junto de Rosa sentado
 Como é elle interessánte!
 De amavel fica engraçado,
 De engraçado faz-se amante!
 Se ella adocece, eu o vejo
 Do leito ao pé sempre, e então
 Tenho, alem do que desejo,
 Annos-bons e S. João!....
 Que amizade!
 Que bondade!
 Ah! meu nobre senador,
 Tanta honra, meu senhor!

Se acaso o tempo escurece,
 E me é forçoso sahir,
 Apenas isto acontece
 Elle me diz logo a rir:
 « De me deixar não se vexe,
 « Póde ir sem se incommodar;
 « Ahi tem o meu caleche,
 « Ora, vá, vá passear....
 Que amizade!
 Que bondade!
 Ah! meu nobre senador,
 Tanta honra, meu senhor!

Em sua quinta a jantar.
 Um dia que nos levou,
 Deu-me *champagne* a faltar
 Até que me embebedou!....
 Na cama de mais valia
 Me deitáráo.... mas não sei
 Se Rosa dormido havia

Comigo quando acordei ;
 Que amizade !
 Que bondade !
 Ah ! meu nobre senador,
 Tanta honra, meu senhor !

Deste nosso ajuntamento
 Mal que um filhinho tivemos,
 Sendo igual o pensamento,
 Para padrinho o escolhemos :
 Quasi a chorar de alegria,
 Levantando as mãos ao céo,
 Em testamento um dia
Adopta o filho por seu !
 Que amizade !
 Que bondade !
 Ah ! meu nobre senador,
 Tanta honra, meu senhor !

Uma vez que conversando
 A' mesa a nosso respeito
 Elle se achava, notando
 De varias cousas o effeito,
 Eu lhe disse:—estou convicto
 Que a geral supposição
 Por ahi ha de ter dito
 Que o senhor me faz c....
 Que amizade !
 Que bondade !
 Ah ! meu nobre senador,
 Tanta honra, meu senhor !

(*Extr. do Correio Mercantil.*)

